



Medievalis

v. 9, n. 1 (2020)

| 1

Rituais de cura: magia curativa e religiosidade germânica

Nanã de Alcântara Bezerra Pacheco ¹

Resumo: Séculos X e XI. Germânia Continental. Na Alta Idade Média, a ordem do mundo era a da salvação divina e a expansão do cristianismo tornava-se uma realidade irreversível por todo o território onde se encontravam as tribos germânicas. Mesmo assim, a religião “pagã” ainda seguia extremamente viva e difícil de suplantarmos no coração dos povos germânicos. Antigos rituais conviviam amalgamados a rituais para o novo Deus vindo de Roma. E é nesse contexto de confluência e adaptação do antigo e do novo que encontramos, no recorte histórico, as fórmulas de encantamento, misturadas com textos literários, médicos e religiosos. O presente artigo concentra-se nos rituais que buscam a cura e a proteção através do uso de práticas religiosas e mágicas que atuavam como agentes medicinais, procurando demonstrar como se desenrola o entrelaçamento de práticas de religiosidade distintas e se constata que as mesmas se presentificam através da crença no(s) poder(es) superior(es) e, de forma breve, dos desdobramentos desse entrelaçamento religioso.

Palavras-chave: Encantamento. Cura. Proteção. Medicina. Magia. Religiosidade

Abstract: X and XI centuries. Continental Germania. In the High Middle Ages, the order of the world was that of divine salvation and the expansion of Christianity became an irreversible reality throughout the territory where the Germanic tribes were located. Even so, the “pagan” religion was still extremely alive and difficult to overcome in the hearts of the Germanic peoples. Ancient rituals coexisted amalgamated with rituals for the new God from Rome. Moreover, it is in this context of confluence and adaptation of the old and the new that we find, in the historical frame, the formulas of enchantment [charms], mixed with literary, medical and religious texts. This article focuses on the rituals that seek healing and protection through the use of religious and magical practices, which acted as medicinal agents, seeking to demonstrate how the intertwining of different religiosity practices unfolds and it confirms that they are present through the belief in higher powers and, briefly, the development of this religious intertwining.

Keywords: Charm. Cure. Protection. Medicine. Magic. Religiosity.

¹ Mestra em Letras Clássicas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGLC – Estudos Interdisciplinares na Antiguidade Clássica.

<http://lattes.cnpq.br/1078291356361121>

E-mail: nabp2005@letras.ufrj.br





Introdução

Assim como a religião e a magia, também a medicina, ou melhor, os processos de cura, acompanham o ser humano desde seus primórdios, pois “provavelmente ninguém pode ser totalmente indiferente às questões sugeridas pelos fenômenos de nascimento e morte, pela dor e pela doença e por nossas relações com o universo do qual fazemos parte” (COOKE, 1920, p.1-2).² A doença, de acordo com a mitologia greco-romana, tem sua explicação no mito da caixa de Pandora que, ao abri-la, liberou todos os problemas da humanidade, dentre eles as enfermidades. A doença surge, portanto, desse evento e, dessa forma, pode ter sua causa nos deuses ou ser um problema que vem do ar ou, ainda, vir de fatores internos, dos desequilíbrios dos fluídos corporais (ROLLAND, 2020). Desta forma, os rituais de cura e proteção são compostos por realidades e ficções que formam um único laço, a saber, a conjunção da ciência com a religiosidade, magia e medicina, como bem afirma Yves Rolland (2020), pois, para ele, *A prática médica, a religião e a magia são uma mistura de tudo*³.

Magia curativa e religiosidade germânica: entrecruzamento dos rituais de cura

O período histórico da Alta Idade Média, que se estende para fins didáticos do século V ao século X, refere-se a queda do Império Romano e a ascensão do Império Carolíngio, tendo sido um período de grandes transformações, sendo a maior de todas a fragmentação do Império Romano do Ocidente, o que possibilitou aos assim

² “Probably no one can be wholly indifferent to the questions suggested by the phenomena of birth and death, by pain and disease, and by our relations to the universe of which we form a part.”

³ Apresentação do Professor Rolland no canal Taphos do YouTube.





denominados *povos germânicos*⁴ espalharem-se por boa parte da Europa. Com esta movimentação houve um estreitamento do contato com as regiões e povos sob influência cultural do latim. A mescla cultural esculpiu a nova organização do mundo medieval da Alta Idade Média, com uma nova estruturação da vida política, social, econômica e, principalmente, religiosa.

As tribos germânicas possuíam uma estruturação social diferente da organização social latina do *Imperium*. Os clãs eram constituídos por famílias aparentadas, de ascendentes comuns, sendo que estas famílias eram monogâmicas, centradas no poder patriarcal. Aos chefes tribais eram atribuídas funções militares, porém, mesmo possuindo poderes absolutos em tempos de guerra, cada chefe tribal devia seguir as determinações da “assembleia de guerreiros”, a *thing*. Aqueles acumulavam, ainda, as funções judiciais e religiosas.⁵

No que tange a religiosidade latina, em contraposição, nas terras do *Imperium*, os rituais de cura e divinatórios realizados nos templos eram encarados não como magia, mas como religião popular. Essa afirmativa pode ser corroborada pelas palavras Pedro

⁴ “As origens dos povos germânicos são obscuras. Acredita-se que durante o final da Idade do Bronze tenham habitado o sul da Suécia, a península dinamarquesa e o norte da Alemanha entre o rio Ems, a oeste, o rio Oder, a leste, e as montanhas Harz, ao sul. Os Vândalos, Gépídeos e Godos migraram do sul da Suécia nos séculos finais a.C., e ocuparam a área da costa do Báltico ao sul, aproximadamente entre o Oder, a oeste, e o rio Vístula, a leste. Desde cedo, também houve migração para o sul e oeste às custas dos povos celtas, que então habitavam grande parte do oeste da Alemanha: os Helvéticos Celtas, por exemplo, que foram confinados pelos povos germânicos à área que hoje é a Suíça no século I a.C., já haviam se estendido até o extremo leste do rio Reno.” “*The origins of the Germanic peoples are obscure. During the late Bronze Age, they are believed to have inhabited southern Sweden, the Danish peninsula, and northern Germany between the Ems River on the west, the Oder River on the east, and the Harz Mountains on the south. The Vandals, Gepidae, and Goths migrated from southern Sweden in the closing centuries BC and occupied the area of the southern Baltic coast roughly between the Oder on the west and the Vistula River on the east. At an early date there was also migration toward the south and west at the expense of the Celtic peoples who then inhabited much of western Germany: the Celtic Helvetii, for example, who were confined by the Germanic peoples to the area that is now Switzerland in the 1st century BC, had once extended as far east as the Main River*”

Germanic peoples. In: Encyclopædia Britannica. 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Germanic-peoples>

⁵ LE GOFF, J. *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005, p.21-32. Cf. também em BLOCKMANS, W. P. *Introdução à Europa Medieval 300-1500*. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p.15-58 e FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade média: nascimento do ocidente*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.67-78.





Paulo Funari (1993), citado por Arlete Mota (2010, p.101), em seu artigo *Saberes romanos: a religiosidade germânica em César e Tácito*, quando o autor diz que

Os romanos eram muito religiosos, mas num sentido muito especial da palavra: consideravam o respeito aos rituais como fundamental para a manutenção da vida em sociedade. Esse tipo de religiosidade significava a crença na origem fabulosa de ritos cuja observância era de importância vital.

| 4

Percebe-se, portanto, que, para os romanos, a realização dos rituais religiosos era de extrema importância e respeito. Destarte, as práticas de religiosidade não possuíam somente um caráter espiritual, seus rituais e cerimônias carregavam, também, um caráter social, como explica Jaqueline Hermann (2011, p.317), “conferia-se a religião um sentido pragmático, mas sobretudo social, na medida em que possuía o papel de reestruturar a vida do grupo através de uma reaproximação ritual com o tempo mítico das origens.”

A religiosidade germânica caracterizava-se pelo politeísmo, com a adoração de divindades relacionadas aos poderes da natureza. As cerimônias dos rituais religiosos eram simples, em geral, realizadas em espaços naturais, como florestas, montanhas ou nas proximidades de árvores que fossem consideradas sagradas. Os rituais de magia eram feitos em honra aos deuses e, por vezes, eram seguidos pelas refeições sacrificiais. No que concerne a tal postura dos antigos germanos, Blanka Kratochvilova (2011, p.25) diz que “a crença germânica na capacidade das divindades, dos seres mais elevados e das pessoas de assumir uma forma animal ou se transformar em árvores ou plantas, levou ao culto de adoração de tais árvores e animais.”⁶ Aqui percebemos o quão íntima era essa ligação do natural com o sobrenatural na visão dos povos germânicos.

K. A. Wipf (1975, p.43), em seu artigo *Die Zaubersprüche im Althochdeutschen*, descreve bem como o homem do medievo enxerga essa correlação:

A visão do homem primitivo é baseada no fato de que ele entende cada manifestação da natureza e de si mesmo como parte de um todo, o cosmos. Ele se sente acolhido no todo, mas também é co-responsável pelo todo. Aconteça o que acontecer em algum lugar, isso repercute no todo. A ordem do cosmos não é de forma alguma final e firmemente estabelecida, mas está em uma espécie de equilíbrio instável. Em todos os lugares e em todos os momentos, o caos espreita, se encontrará uma brecha, a partir da qual poderia destruir a ordem. Portanto, para que esta

⁶ “Der germanische Glauben an die Fähigkeit der Gottheiten, höherer Wesen sowie der Menschen eine Tierform anzunehmen oder sich in Bäume oder Pflanzen zu verwandeln, führte zum Kultus der Verehrung solcher Bäume und Tiere.”





seja preservada, é necessário que essa seja confirmada e fortalecida periodicamente.⁷

Ainda segundo o autor, como muitos mitos do mundo antigo e moderno explicitamente registram, o ser humano é compreendido como o responsável por esse equilíbrio, tendo que contribuir “para fortalecer o cosmos” (WIPF, 1975, p.43)⁸, sendo que tal fortalecimento se efetiva através dos ritos cerimoniais através dos quais se cultuam as divindades. Dessa forma, a harmonia entre homem e natureza, macrocosmo e microcosmo se mantem.

A magia é, então, o que possibilita este acesso do homem ao mundo sobrenatural, com rituais que podem ser usados para fins de proteção, impingir danos, prevenir acidentes, adivinhar o futuro, criar profecias, realizar desejos, atrair amor ou curar doenças. Tais ações e/ou objetos em forma de talismãs, quando realizadas e/ou usadas, acarretam um efeito condizente para se alcançar o objetivo primordial. No entanto, este lugar de comunicação entre dois mundos não pertence a qualquer indivíduo, e para que se realizem estes rituais são requeridos o conhecimento e a habilidade, que são alcançados apenas por aqueles que são iniciados, podendo ser, na estrutura religiosa germânica, tanto pelo chefe da tribo, quanto pelos sacerdotes, feiticeiros e/ou curandeiros.

Um princípio primordial nesses rituais é o entendimento de que a natureza é animada e que através dela se tem contato com a energia vital, a qual recebeu diversos nomes no decorrer da história, como *magnetismo, mana, ki, prana, luz e etc.* A ideia de que um fenômeno da natureza e o ser humano são correspondentes também é importante. Dessa maneira, pode-se dizer que a magia é, como nos diz Wipf, o “efeito da força, ou o que é o mesmo, efeito do mana” (WIPF, 1975, p.42).⁹ O autor explica-nos então que

A prática mágica tenta, de bom grado, transmitir poder para alcançar um determinado objetivo, portanto, é um exercício de poder. Na

⁷ „Das Weltbild des Primitiven beruht darauf, dass er jede Erscheinung der Natur und sich selbst als Teil eines Ganzen, des Kosmos, auffasst. Er fühlt sich in dem Ganzen aufgehoben, fürs Ganze aber auch mitverantwortlich. Was immer irgendwo geschieht, es hat seine Auswirkungen aufs Ganze. Die Ordnung des Kosmos ist keineswegs endgültig und fest verankert, sondern befindet sich in einer Art labilem Gleichgewicht. Überall und zu jeder Zeit lauert das Chaos, ob es eine Einbruchstelle fände, von wo aus es die Ordnung vernichten könne. Diese braucht demnach, soll sie erhalten bleiben, einer periodischen Bestätigung und Stärkung.“

⁸ „Der Mensch ist nun u.a. dazu da und hiefür geschaffen, wie viele Mythen der alten und neuen Welt ausdrücklich festhalten, dass er das Seine dazu beitrage, den Kosmos zu befestigen.“

⁹ “Magie ist Wirkung von Kraft oder, was dasselbe ist, Wirkung von Mana.“





situação primitiva, no entanto, isso não acontece arbitrariamente e sem sentido, mas ocorre em completa consonância com a visão de mundo correspondente. (WIPF, 1975, p.42-43)¹⁰

Assim, para compreendermos a relação entre religiosidade e magia na Alta Idade Média germânica, precisaremos entender que a prática da magia era extremamente significativa.

As práticas de magia com finalidade curativa eram realizadas com encantamentos, rituais e rezas para se obter saúde e proteção. Os encantamentos de cura valem-se de cantos, danças, orações e cerimônias que eram baseadas no uso de plantas, banhos, objetos, símbolos e beberagens, evocando e/ou conjurando eventos passados para se obter a benção no presente. As ações desses encantamentos são feitas com signos linguísticos, usando o poder das palavras, tanto escritas quanto faladas, e, no momento de sua recitação, esta torna-se mágica, ou seja, pertence à iatromagia - uso das práticas ritualísticas e religiosas para tratar e curar ferimentos e doenças, que podem ser físicas ou espirituais, pois o encantamento age sobre o corpo e o espírito.

Sobre esse ponto, Cardoso elucida a assimilação dos festivais pagãos pela Igreja, no caso da Inglaterra anglo-saxã. Mencionamos, como exemplo, a carta de Gregório, o Grande ao abade missionário Melitão, em que o papa ordena que os festivais sejam substituídos por *um dia de Dedicção* ou por *festivais dos santos mártires*. Essa cristianização da religião pagã abrangeu, também, os saberes populares de cura e proteção, como diz Cardoso (2004, p.33)

Este caráter fortemente pragmático da religião se refletia igualmente numa enorme quantidade de encantamentos mágicos para múltiplas finalidades, baseados também num conhecimento das propriedades dos líquens e das ervas, constituindo um saber popular de forte sabor folclórico. A cristianização desses conhecimentos permitiu sua preservação em escritos cujo núcleo pagão aparece por baixo do verniz cristão.

Catherine Rider (2012, p.12) expõe as mudanças da Igreja em relação as práticas de religiosidade pagã e o grande conflito envolvido no ato de delimitar o que era autorizado por ser religioso e o que era proibido por ser mágico. Rider afirma que “encantos de cura passavam facilmente por rezas e muitos foram vistos como

¹⁰ „Die magische Praxis versucht willentlich Kraftübertragung auszuüben, um ein bestimmtes Ziel zu erreichen, ist also Ausübung von Macht. Das geschieht in der Primitivsituation aber nicht etwa willkürlich und sinnlos, sondern vollzieht sich in volliger Übereinstimmung mit dem entsprechenden Weltbild.“





perfeitamente legítimos; mas, do outro lado do espectro, o mau uso de substâncias consagradas para propósitos profanos era regularmente condenados como magia pelos conselhos da Igreja Medieval”.

Ainda segundo Rider (2012, p.14), o maior problema na delimitação entre o que era sagrado e o que era demoníaco dava-se no fato de que os próprios clérigos, eruditos ou não, também acreditavam nesses rituais de cura e proteção. Dessa forma, os rituais religiosos continuavam a ocorrer e alguns foram incorporados pela Igreja, a qual, para o homem medieval, “agia como um repositório do poder sobrenatural que poderia ser acessado pelo fiel para ajudar seus problemas diários” (RIDER, 2012, p.14), da mesma maneira e com a mesma expectativa de funcionalidade como em sua prática religiosa anterior.

A nova religião, aos poucos, uniu a imagem de práticas “pagãs” distintas numa só, os sacrifícios rituais e os de festivais religiosos. Tais práticas ganharam uma ressignificação dentro do discurso cristão, ligando-as ao mal, ao “bárbaro”, tornando o divino em profano e imoral. Essas práticas pagãs, a partir do século IX, sofrem transições, que as transpõem/adaptam de sua origem para o cristianismo. As modificações/adaptações estruturais das fórmulas de encantamento para cura e proteção ocorrem no ritual e no discurso oral e escrito, em que se observa o sagrado cristão assumindo a esfera divina da cura e proteção em substituição às divindades do paganismo germânico. Neste sentido, Felix Gredon (1909, p.144) afirma que,

a Igreja poderia se recusar a sancionar as práticas encantatórias, mas não as poderia erradicar, enquanto os seus próprios agentes acreditavam em demônios e espíritos malignos. Os sacerdotes não questionavam de forma alguma a existência dos deuses pagãos: eles simplesmente negavam sua divindade, e classificavam-nos como demônios. (...) Portanto, os encantamentos pagãos tinham de ser substituídos pelos encantamentos cristãos; e onde eram utilizados nomes de divindades pagãs, nomes canônicos autorizados teriam que substituí-los.¹¹

Portanto, era normal utilizar encantamentos de cura e proteção nas práticas de religiosidade pagã, em que os rituais de encantamentos se constituíam como uma ação do plano natural – o corpo físico – sobre o plano sobrenatural – a súplica pela intercessão dos deuses e espíritos. Contudo, essa mesma prática passou a ser, com a consolidação do cristianismo, entendida como uma interferência nos desígnios do Deus cristão.

¹¹ “The Church might refuse to sanction incantatory practices, but it could not eradicate them while its own servants believed in fiends and evil spirits. Priests did not at all question the existence of the heathen gods: they merely denied their divinity, and ranked them as demons. (...) Therefore Pagan charms had to be met by Christian charms; and wherever heathen names of deities were used, authorized canonical names had to be substituted.”





As fórmulas de encantamento germânicas

As fórmulas de encantamento germânicas que tratamos nesta análise não possuem um autor definido, diferentemente das fórmulas de encantamento. Entre os povos germânicos, a tradição oral parece ter sido mais difundida para fins religiosos, de forma que, como afirma Wipf (1975, p.43), “As fórmulas de encantamento são resilientes e transmitidas fielmente de geração em geração, especialmente entre as pessoas comuns, mesmo que as formas religiosas da cultura em questão pareçam ter desaparecido há muito tempo”.¹² Ainda sobre a origem das fórmulas de encantamento e sua permanência através do tempo prossegue Wipf (1975, p.43):

Mas logo seu conteúdo e sua profunda referência interna não serão mais compreendidos. Dessa forma, elas podem se mover facilmente de um nível de cultura para outro, por exemplo de uma situação primitiva para uma alta cultura ou para outro ambiente religioso, onde elas não estão mais integradas a esta visão de mundo, ainda que se tente resignificar a sua função. Quaisquer nomes de deuses são trocados por outros que são nativos do novo ambiente. Esse problema surge, por exemplo, quando nos deparamos nas fórmulas em antigo-alto-alemão com os nomes de Jesus Cristo ou de um santo.¹³

Na Alta Idade Média, o poder da palavra mantinha a ordem dos mundos, tanto o natural quanto o sobrenatural. Dessa forma, uma oração ou um encantamento mágico teriam o poder de colocar cada coisa em seu lugar, mantendo a ordem dos mundos em equilíbrio. Destarte, o idioma da fórmula de encantamento era de extrema importância, para que os benefícios almejados pelo rogante fossem alcançados. A linguagem, com sua relação entre significante e significado, realiza os processos mentais que ocorrem simultaneamente, ligando o corpo, plano físico, com a mente, plano espiritual. Portanto, a fórmula de encantamento precisa fazer com que a pessoa possa provocar, como afirma

¹² „Magische Formeln sind zählbig und werden besonders im einfachen Volke von Generation zu Generation treulich überliefert, auch wenn die religiösen Formen der betreffende Kultur scheinbar längst ausgestorben sind.“

¹³ „Bald aber wird ihr Inhalt und tiefinnerlicher Bezug nicht mehr verstanden. So gelangen sie auch ohne weiteres von einer Kulturstufe in eine andere, z.B. aus einer Primitivsituation in eine Hochkultur oder in eine andere religiöse Umgebung, wo sie dann im Weltbild nicht mehr integriert sind, wenn auch eine Umfunktion versucht wird. Allfällige Götternamen werden durch andere, in der neuen Umgebung heimische, ausgetauscht. Dies Problem stellt sich z.B., wenn wir in den ahd Sprüchen auf die Namen Jesu Christi oder eines Heiligen stossen.“





Wipf (1975, p.44), “mudanças ali, ou seja, controlar os processos como desejasse, então, isso teria que ocasionar os efeitos correspondentes nos processos sensorialmente perceptíveis”¹⁴. Assim, ao evocarmos o acontecimento passado, remontamos àquele momento e ordenamos o presente, revivendo o mito. K. A. Wipf (1975, p.44) afirma sobre a linguagem que

O fato inegável, no entanto, é que, através da imaginação, a linguagem pode produzir imagens, que, na realidade, não estão presentes. A palavra é criativa. Daí se explica a natureza do mito. Mito é palavra criativa, é a palavra do sagrado¹⁵. Se o mito é contado, acontece literal e novamente, aquilo que ele contém. O mito foi recitado apenas em determinados dias e apenas em determinados lugares e muitas vezes não era propriedade comum de um grupo inteiro de pessoas, mas, por exemplo, mulheres e crianças eram dele excluídas.¹⁶

Portanto, o mito deve ser contado de tempos em tempos, seja ele sobre a criação, o cosmos ou deuses, pois assim se fortalece a ordem do mundo diante do caos. Então, após tudo estar (re)ordenado, a doença pode ser tratada, já que a doença é a desordem do microcosmo e sua cura, conseqüentemente, advém das divindades do cosmos, através da rememoração do evento mítico da derrota da doença, e, com isso, tem-se a atualização do mito e também da própria cura. Wipf (1975, p.49) explica que o “fazer cósmico’ é subsequentemente expresso na conjuração do semelhante para com [outro] semelhante. Se alguém mencionar este mito sobre um caso, que aconteceu hoje e agora, a lei da analogia ocorre. Os eventos primitivos repetem-se”.¹⁷

¹⁴ *“Konnte man dort Veränderungen hervorrufen, die Abläufe also nach eigenem Willen steuern, so musste das auf die sinnlich wahrnehmbaren Vorgänge die entsprechenden Auswirkungen haben.”*

¹⁵ Hier(o)-, elemento de formação de palavras que exprime a ideia de sagrado. Do grego hierós, «sacro». In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-07-03 03:54:00]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hier\(o\)-](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hier(o)-).

¹⁶ *„Unleugbare Tatsache aber ist, dass die Sprache durch die Einbildungskraft Bilder hervorrufen kann, die realiter nicht präsent sind. Das Wort ist schöpferisch. Daraus erklärt sich das Wesen des Mythos. Mythos ist schöpferisches Wort, ist Hieros Logos. Wird Mlythos erzählt, so geschieht buchstäblich das wieder, was er enthält. Mythos wurde nur an ganz bestimmten Tagen und nur an bestimmten Orten rezitiert und war oft genug nicht Allgemeingut einer gesamten Menschengruppe, sondern es wurden z.B. Frauen und Kinder davon ausgeschlossen.“*

¹⁷ *„Das „Kosmisch-Machen“ drückt sich nachher in der Beschwörung Gleiches zu Gleichem aus. Spricht man diesen Mythos über einen Fall, der heute und jetzt geschah, aus, so tritt das Gesetz der Analogie ein. Urzeitgeschehen wiederholt sich“.*





Stephan Müller (2007, p.1), em *Althochdeutsche Literatur: eine kommentierte Anthologie*, nos diz que os encantamentos geralmente seguem

uma lógica de analogia, que está relacionada a eventos distantes espacialmente e temporalmente. Em uma pequena narrativa, um auxílio do passado (historiola) é relatado, que deve ser novamente invocado por uma parte do encantamento (incantatio) em uma situação atual. É verdade que a tradição das fórmulas de encantamento em antigo-alto-alemão remonta aos tempos não-cristãos, mas apenas um exemplo decididamente pagão é dado (Encantamentos de Merseburg). Esses encantamentos que, por isso, são geralmente chamados de bênçãos, passaram pelas penas de monges copistas, de modo que os personagens pagãos são substituídos por santos, ainda que parcialmente por estranhos como Tumbo em um encantamento de Strassburg.¹⁸

| 10

As fórmulas de encantamento, geralmente, possuem dois tipos de ações de magia: uma análoga, que funciona através de correspondência, em que uma ação anterior é repetida, para que o mesmo resultado seja recriado no presente, e a contaminante, que tem seu efeito a partir do toque ou de um objeto, segundo a qual seres e objetos atribuem poder a si mesmos ou transferem poder a outrem. No que tange às fórmulas de encantamento aqui selecionadas, trataremos apenas de fórmulas de magia análoga, pois o que transfere o poder de cura não são objetos ou pessoas, mas sim as divindades e os acontecimentos passados.

Estruturas dos encantamentos

Os encantamentos são, geralmente, estruturados em rimas, as quais formam os elos, encadeando o pertencimento de uma coisa à outra e atribuindo ordem ao todo. Wipf (1975, p. 59) explica ainda que “a magia da palavra tem um efeito maior, quando os encantamentos são formulados na língua nativa, uma vez que nenhuma língua é tão

¹⁸ „(...) einer Logik der Analogie, die räumlich und zeitlich entfernte Vorgänge aufeinander bezieht: In einem kleinen Erzählteil wird von einer Hilfeleistung aus der Vergangenheit berichtet (historiola), die durch einen Beschwörungsteil (incantatio) in einer aktuellen Situation wieder aufgerufen werden soll. Zwar reicht die Tradition der ahd. Zaubersprüche in nichtchristliche Zeiten zurück, aber es ist nur ein dezidiert heidnisches Beispiel erhalten (Merseburger Zaubersprüche), die Sprüche, die man deshalb oft auch Segenssprüche nennt, gingen durch die Federn von Schreibermönchen, so dass etwa das heidnische Personal durch Heilige ersetzt wird, wenn auch teils durch komische wie Tumbo in einem Strassburger Spruch.“





poderosa quanto a língua materna. Uma língua estrangeira nunca pode ativar essas vibrações profundas da mente”,¹⁹ ainda que, segundo o autor (1975, p. 59), “isso não se aplique a encantamentos recitados em um idioma antigo. Nesse caso, o som antigo significa maior santidade, força e poder, porque algo daquela época primitiva, por assim dizer, ainda pode ser ouvido”.²⁰ E mesmo que o encantamento seja mantido por tanto tempo “que as gerações posteriores não compreendam mais o texto, nem mesmo o próprio recitador, e o encantamento se mantenha apenas por medo de que, se alguém mudá-lo para o discurso moderno, a manopotência será destruída, então é deixado nesta forma arcaica.”²¹ (WIPF, 1975, p. 60)

As fórmulas de encantamento podem ser encontradas no livro *Althochdeutsche poetische Texte: Althochdeutsch/Neuhochdeutsch*, de Karl A. Wipf (1992), no original em antigo-alto-alemão com versão para o alemão moderno. Dentre as diversas fórmulas de encantamentos estudadas e descritas no livro de Wipf, selecionamos as que estão redigidas em antigo alto alemão (*althochdeutsch*) e por serem do espaço temporal que se encaixa entre os séculos V e XI, sendo assim, um período de transição de práticas de religiosidade pré-cristãs para a religião monoteísta, transpondo a nova simbologia religiosa para as fórmulas de encantamento antigas.

¹⁹ “Magie des Worts wirkt dann am meisten, wenn die Sprüche in heimischer Sprache formuliert sind, besitzt doch keine Sprache in solchem Masse Kraft wie die Muttersprache. Eine Fremdsprache kann nie diese tiefen Schwingungen des Gemüts aktivieren.“

²⁰ “Das betrifft selbstverständlich jene Sprüche nicht, die in einer altertümlichen Sprache verlauten. In diesem Falle bedeutet alte Lautung höhere Heiligkeit, höhere Macht- und Kraftpotenz, weil gleichsam noch etwas von jener Urzeit durchklingt.“

²¹ “Das kann soweit gehen, dass spätere Generationen den Text überhaupt nicht mehr verstehen, nicht einmal der Rezitator selbst, und der Spruch nur aus Furcht, man würde bei Änderung in modeme Lautung die Manopotenz zerstören, in dieser archaischen Form belassen wird.“





Sprüche gegen Krankheiten aller Art / Encantamentos para doenças de todos os tipos²²

<p>6.1 Pro cadente morbo Doner dutiger diet mahtiger stuont uf dess adamez prucche schitote den stein Wite. stuont des adamez zun unt sluoc den tieueles. zu der studein.</p> <p>San peter sante zinen pruder paulen daz er a rome adren ferbunte frepunte den patvn. frige zo den. Sama ih frivvize dih unreiner atem fon desemo menesche zo sciero zo diu hand vwendet zer erden.</p> <p>ter cum pater noster.</p>	<p>6.1 A favor daquele que se torna enfermo Aquele que manda ressoar o trovão, o Senhor do Povo, estava sobre a ponte de Adão, fendeu a pedra com a madeira. O filho de Adão lá estava [nela]²³ e bateu com a vara no filho do diabo.</p> <p>São Pedro enviou seu irmão Paulo, para que ele ligasse as artérias em Roma, a ?²⁴ ligasse, [e] a esse o livrasse tanto, como eu a ti, espírito impuro, expulso desse homem, tão rápido quanto a mão se volta para a terra.</p> <p>Três vezes junto com um Pai Nosso.</p>
<p>6.2 Contra caducum morbum Accede ad infirmum iacentem. et a sinistro vsque ad dextrum latvs spacians. sicque supere um stans. dic ter.</p> <p>Donerdutigo. dietewigo.</p> <p>do quam des tiufeles sun. uf adames bruggon. unde sciteta einen stein ce wite. do quam der adames sun. unde sluog des tiufeles sun zuo zeinero studon.</p> <p>petrus gesanta. paulum sinen bruoder. da zer aderuna. aderon ferbunde. pontum patum. ferstiez er den satanan.also tuon ih dih unreiner athmo.fon disemo christenen lichamen. also sciero werde buoz.disemo christenen lichamen. so sciero so ih mit den handon. die erdon beruere.</p>	<p>6.2 Contra a epilepsia Vá ao doente que está deitado e abra uma das pernas, do lado esquerdo para o lado direito. Então, de pé sobre ele (o paciente), diga três vezes:</p> <p>Aquele que manda ressoar o trovão! Ó, Consagrador do povo!</p> <p>Então veio o filho do diabo à ponte de Adão e fendeu [5]²⁵ uma pedra com [uma] madeira. Eis que o filho de Adão veio e bateu no filho do diabo com uma vara.</p> <p>Pedro enviou seu irmão Paulo para as artérias (?), [de forma que ele] ligasse as artérias de ?. [10] Ele expulsou Satanás. Da mesma forma, eu faço isso contigo, espírito impuro [e te afugento] desse corpo concedendo a cura, tão rapidamente quanto eu toco na terra com as mãos.</p>

²² A datação das fórmulas elencadas estende-se dos séculos V a XI. Embora as mesmas possam ser classificadas dentro da historiografia em língua portuguesa no período denominado Idade Média Central, seguimos a nomenclatura em alemão *Frühmittelalter*, que abarca a segunda metade do século V até meados do século XI. Além disso, do ponto de vista linguístico, esta época apresenta no espaço germanófono que hoje corresponde à Alemanha e Áustria os textos escritos em Althochdeutsch, estrato inicial da língua alemã em que foram redigidas as fórmulas de encantamento aqui analisadas.

²³ Os parênteses retos são interpolações do tradutor para o alemão.

²⁴ Lacuna textual no original ou passagem ilegível.

²⁵ Os números são os indicativos da linha em que se encontra o verso.





<p>et tane terram utraque manu. et dic pater noster. Post hec transilias ad dextram. et dextro pede dextrum latus eius tange et dic.</p> <p>stant uf waz was dir. got der gebot dir ez.</p> <p>hoc ter fac. et mox uidebis infirmvm surgere sanum.</p>	<p>Depois disso, toque no chão com ambas as mãos e diga um Pai Nosso. [15] Pule, em seguida, à direita [lado] e toque com o pé direito o seu lado direito (do paciente) e diga:</p> <p>Levanta-te! O que estava contigo Deus te ordenou!</p> <p>Faça isso três vezes. Logo tu verás o doente se levantar com saúde.</p>
<p>6.3 Contra paralyisin theutonic²⁶ Siuuelich mán odor wīb firgihdigód uerde. zéseuuen hálbun. so lâza man ímo in déro uuínsterun hénde an demo ballen. des minnisten uingeres. unde ane dero minnistun cehun ballen. des zeseuuen fūozes. Ob ez imo abor uuinsturunhalbun si. so lâze man imo in dero ceseuuen hende ane demo ballen des minnisten uingeres. unde an dero uuinsterun minnistun cehun ballen. Dare nach neme man haberen gedrosengan unde ungedrosengan. unde adech. unde ebah. unde uarn. unde emeizun. unde uueremuodun. unde heidernezzelun. unde mache ein bahd unde bade in demo drie daga. vnde nemo danne gingibern. uuîn. unde honak. unde dero uuizun loub. unde kirseboumes loub. unde phirsihboumes loub. unde salbeiun. unde rutun. unde storchessnabel. unde berehtram. unde mideuuirz. iegeliches einero unzun geuuiht. unde mahe ein drank. unde drinke daz in demo uuarmen bade. so uuird es imo buoz.</p>	<p>6.3 Contra a paralisia em língua popular Quem, homem ou mulher, sempre sofre de artrite no lado direito, sangue-o²⁷ na parte superior do dedo mínimo da mão esquerda e no topo dos dedinhos no pé direito [para a artéria]. Mas quando ele [15] sofre no lado esquerdo, então sangue-o na ponta do dedo mínimo da mão direita e na ponta do dedinho do pé esquerdo [para a artéria]. Então pegue-se aveia debulhada e não debulhada, sabugueiro do campo, aipo, samambaia, picadas de formiga, artemisia [10] e urtiga, prepare um banho e banhe-se nele três dias. Em seguida, toma-se o gingibre, vinho e mel e folhas de salgueiro branco, folhas de cerejeira, folhas de pessegueiro, sálvia, arruda, gerânios, estragão e Mitt [15] wurz²⁸, [e] de cada um uma onça²⁹ de peso. Prepara-se uma poção e a mesma bebe-se em um banho quente, então ele (o paciente) tornar-se-á saudável.</p>
<p>6.4 Oculorum Dolor anc ze demo fliezzentemo vvazzera. ũnta neze imo siné ougen unta quit mít demo selben segena so der alemæhtigo got demo regen Plinten segenita siniu ougun. der der daz Tages</p>	<p>6.4 Dor nos olhos Vá até a água corrente e umedeça os olhos (do enfermo) e diga neste momento esta mesma bênção (fórmula mágica), com a qual o Deus todo-poderoso abençoará os olhos daquele que está totalmente cego, que nunca tinha visto a</p>

²⁶ O termo *Theutonic* refere-se à língua germânica, falada pelas camadas populares nativas, em oposição ao *romanice*, o latim, língua falada e escrita majoritariamente pelo clero e pelos poucos instruídos em latim. Dessa forma, portanto, temos aqui nesse encantamento, mais especificamente, uma referência ao antigo alto alemão, o *Althochdeutsch*.

²⁷ A expressão “so lâza man”, do original em antigo-alto-alemão, corresponde no moderno-alto-alemão a “zur Ader lassen” e significa “sangrar alguém”.

²⁸ Mittwurz: etimologia desconhecida.

²⁹ Onça, medida de peso que representa o equivalente a 2,7 gramas.





<p>lieht nie ne gesah.unta imo sin gesiune mite gap. da mite si dir din ouga gesegenet. daz dir ze buozza. amen.</p>	<p>luz do dia, e, através disso, deu-lhe a capacidade de visão. Com isso sejam teus olhos abençoados [5]. Para a tua cura. Amém.</p>
<p>6.5 Contra malum malannum Cum minimo digito circumdare locum debes ubi appareibit his uerbis.</p> <p>Ih bimunium dih. suaz pi gode iouh pi christe.</p> <p>Tunc fac crucem per medivm † et dic</p> <p>daz tu niewedar ni gituo. noh tolc noh tot houpit.</p> <p>Item</p> <p>adjuro te per patrem. et filium. et spiritum sanctum. ut amplius non crescas. sed arescas.</p>	<p>6.5 Contra uma severa dermatose Com o dedo mínimo tens que circular o lugar, onde ela aparecerá [a severa dermatose], com estas palavras:</p> <p>Eu te conjuro, abscesso, por Deus e por Cristo.</p> <p>Faça, então, uma cruz em cima (na parte afetada) e diga:</p> <p>[5]Que tu nunca mais faças uma ferida novamente nem [sejas] a causa da morte (?).</p> <p>Da mesma forma, [diga]:</p> <p>Eu te conjuro pelo Pai e pelo Filho e pelo Espírito Santo, que tu não cresças (te desenvolvas) mais, mas seques.</p>
<p>6.6 Suemo d[i]u kela. vir-suillit.</p> <p>Segeno. Domine. Ihesu Christe. per orationem famuli tui sanct blasii. Festina in ad iutorium famuli dei. N. et mox in eam vel evm fac misericordiam tuam ad gloriam et laudem nominis tui domine.</p> <p>Dar nach. sprich. dristunt.</p> <p>Pater noster qui es in cęlis. sanctificetur. nomen. tuum.</p>	<p>6.6 A quem sempre a garganta incha (dor de garganta) Abençoe [a ele], Senhor, Jesus Cristo, por intercessão do teu servo, de São Brás. Apressa o servo de Deus .N. para ajudá-lo e conceda a ela ou a ele, em breve, a tua piedade para a glória e louvor de Teu nome, Senhor.</p> <p>Depois diga três vezes:</p> <p>Pai nosso, Tu que estás nos céus, santificado seja Teu nome.</p>
<p>6.7 Gegen Überbein Lignum de sepe uel aliunde sumptum pone super uberbein faciens crucem et ter dicens pater noster, additis his teutonicis uerbis:</p> <p>Ich besueren dich, uberbein, bi demo holze, da der almahtigo got an ersterban wolda durich meneschon sunda, daz du suinest unde in al zucchest.</p>	<p>6.7 Contra gânglios Coloque uma madeira retirada de uma cerca ou de algum outro lugar sobre o gânglio, finque a cruz e diga três vezes o Pai Nosso e acrescente a essas as palavras em alemão:</p> <p>Eu te conjuro, gânglio, pela madeira, na qual o Deus Todo-poderoso pelos pecados dos homens desejou morrer, para que tu te tornes menor (desapareças), e para que tu (madeira) arranques o (gânglio) plenamente:</p>





Si hoc tribus diebus diluculo feceris, uberbein euanescere citius uidebis.	Quando isso tiver sido feito no alvorecer por três dias, tu verás que o gânglio desaparecerá rapidamente.
<p style="text-align: center;">6.8 Gegen Fieber³⁰</p> <p>Scribe in. IIII. oblatis contra febres. †Hely.† †Helo.† †Helo.† †Helo.† †ye. † †ya. † †Sabaoth. † †Adonai. †</p> <p>et intermisce nomen infirmi duabus uel tribus oblatis. et si qua remanet. addatur.</p> <p>†IHESUS† †Christus.†</p> <p>et contra ríton addatur.</p> <p>†Alfa. † †ω.† †principium.† †Finis.†</p>	<p style="text-align: center;">6.8 Contra a febre</p> <p>Contra a febre, escreva sobre quatro hóstias: Meu Deus. Meu Deus. Deus. Nosso Deus. Jeová (Javé). Jeová (Javé). Senhor dos Exércitos. Senhor</p> <p>E acrescente o nome do paciente sobre duas ou três hóstias. E se um pouco [de espaço livre sobre a hóstia] restar, acrescente:</p> <p>Jesus. Cristo.</p> <p>E contra a febre acrescente:</p> <p>Alfa. Ômega. Início. Fim</p>

Fórmulas de encantamento germânicas e seus sincretismos

O que começou no Império Romano, com o imperador Teodósio I tornando o cristianismo a religião oficial em 380 d.C., se fortaleceu durante a Alta Idade Média, fase inicial da consolidação da Igreja como instituição mais influente do Ocidente. Especialmente durante o medievo, a Igreja assimilou diversas práticas religiosas pagãs, como aquela denominava as práticas de povos não cristãos. Apropriando-se e associando os rituais e práticas de religiosidade locais aos seus próprios ritos e cerimônias, a Igreja legitimou e fortaleceu seu poder.

Nesta perspectiva, houve uma assimilação de elementos de práticas de religiosidade pré-cristãs nas orações cristãs do medievo, sendo que esta última mantinha consigo características mais próximas da realidade das comunidades nativas.

A oração poderia ser realizada de forma particular ou pública, dentro das igrejas, sendo um apelo pessoal em busca de uma benção ou em reverência a uma divindade, ou

³⁰ A fórmula de encantamento 6.8 Gegen Fieber é a única dentre as oito fórmulas totalmente escrita em latim, trazendo em sua apresentação gráfica símbolos que remetem a cruz cristã. Esta fórmula de encantamento está aqui inserida por sua relevância no que tange à assimilação pelo cristianismo dos procedimentos comuns aos encantamentos pagãos, embora toda a ritualística descrita na fórmula e todas as falas a serem proferidas sejam cristãs.





ainda, em agradecimento por uma dádiva obtida. As fórmulas de encantamento, dependendo para qual objetivo eram proferidas, eram aceitas pela Igreja como sendo legítimas, como nos diz Catherine Rider (2012, p.12):

Encantamentos que eram recitados diante de pessoas doentes, para curá-las, muitas vezes invocavam Deus e santos; feitiços para o amor e outros propósitos poderiam fazer usos de substâncias consagradas (...). Cada uma dessas práticas mantinha uma relação diferente com a religião oficial

| 16

No tocante ao processo de sincretismo durante a Idade Média, é necessário que entendamos que a cristianização e a conversão de cada povo da Europa ocorreram de forma distinta um do outro. Da mesma maneira, a assimilação das práticas de religiosidade e de características das divindades pagãs com os santos cristãos também não foi uniforme. Dentro da religiosidade germânica, por exemplo, não havia homogeneidade e nem uma hierarquia delimitada de forma clara e objetiva. Os cultos variavam de região para região, gênero e classe social, e, nesse sentido, Vinícius Dreger, (apud LANGER; CAMPOS (org.) 2009, p.159), acrescenta que

preferências por certos deuses, existência de diferenciações de crenças e preponderância de certas narrativas míticas, tudo isso foi preservado pela tradição oral e interferiu na mudança de religiosidade. Assim, as fontes medievais permitem verificar vários aspectos do processo de cristianização.

Diferentemente do que se pode pensar atualmente, nem todo o processo de cristianização ocorreu de forma violenta e através de embates sangrentos, em que o dominador subjugava o dominado pela força. Por vezes, a assimilação da cultura pagã era preferível, como nos afirma Elton Medeiros (2014, p.242) em seu texto *O poder das letras: cristianismo e magia no Pater Noster anglo-saxão*:

Como podemos ver, o processo de cristianização deveria se dar de maneira que as populações pagãs passassem naturalmente para a nova fé (FLETCHER, 1999, p. 253-255). Mas não apenas locais e práticas seriam adaptadas à nova doutrina, e este é um dos elementos de grande importância para o fenômeno de cristianização: as terminologias utilizadas pelas populações cristianizadas também seriam adaptadas, o que foi um dos principais veículos para este processo. (...). Desta forma, ainda ocorrem entregas de oferendas nas missas, o que manteve a familiaridade para a população com os antigos cultos de seus ancestrais (CHANEY, 1999, 69-70).





O autor segue, no mesmo texto, afirmando que a cristianização dos povos pagãos decorria de uma “desnaturação” de seus ritos e divindades

(...) como diz Jacques Le Goff – onde elementos pré-existentes da cultura popular, folclórica, mudam radicalmente de significado no âmbito cristão (op. cit. LE GOFF, 1980, p. 207-219). Ao ser assimilado, seu sentido original é esvaziado, mas ele continua a existir dentro do novo paradigma da nova fé. Um ótimo exemplo disso são as chamadas fórmulas e práticas mágicas, que podem ser encontradas por toda a Europa do período medieval, nas quais é possível encontrar elementos cristãos (como orações, missas e etc.) combinados a elementos que remontam a uma tradição mais antiga, cujo sentido original já não é tão claro, mas que permanecem como parte de um substrato cultural. (MEDEIROS, 2014, p.230)

| 17

Tal prática de cristianização, esse “verniz cristão” como denomina Cardoso (2004, p. 33), é perceptível nas fórmulas de encantamento, em que se percebe o entrelaçamento das práticas “mágicas” com as práticas medicinais, unidas ao contexto religioso, tanto cristão como pagão, por vezes ambos numa mesma fórmula de encantamento.

A assimilação dentro e também fora do contexto das fórmulas de encantamento perpassava as palavras, uma vez que as fórmulas de cura e proteção, assim como as orações cristãs, são construções orais que se realizam através dos rituais e dos gestuais do rogante. As fórmulas de encantamento não dizem respeito tão somente ao ambiente da religiosidade, das profissões de fé, mas também abrangem o poder da palavra e do gestual implícitos dentro desses rituais religiosos, como define Bragança Júnior, em seu texto *A Voz e o Gesto – Fórmulas Mágicas Como Práticas de Religiosidade Germano-Cristãs na Idade Média*:

Desta forma, percebemos o ritual como um conjunto de gestos, palavras e formalidades, várias vezes atribuídas de um valor simbólico, cuja performance daquelas é usualmente prescrita por uma prática religiosa, religião ou por tradições de uma comunidade. (BRAGANÇA JÚNIOR, 2009, p.59)

Ademais, o que a Igreja considerava como práticas “toleráveis” para serem exercidas fora do contexto do sagrado cristão acabava por incorporar técnicas de cura medicinais e de proteção contra o mal, que se utilizavam, por vezes de forma clara, do passado das divindades germânicas, entremeadas por recitações do “Pai Nosso” por uma determinada quantidade de vezes, de acordo com o que se deseja alcançar. Desse modo, também nos diz Medeiros (2014, p.248)





Isto valia tanto para pessoas quanto para os animais. Em geral, tais curas eram compostas de dois elementos: o primeiro sendo a fórmula mágica, onde se realizavam orações e evocações de elementos do folclore germânico ..., e depois a aplicação de algum tipo de erva ou até mesmo algum tipo de intervenção “cirúrgica”.

Em tais fórmulas, mesmo quando a presença de elementos claramente pagãos é forte, sua função acaba por ser envolta pelo contexto do mundo cristão.

Dentre as diversas fórmulas de encantamento estudadas para este artigo, percebe-se essa relação mais ou menos explícita, em uma fórmula, em que se encontra uma invocação a Wotan ou ao Deus crucificado. Sobre isso, Medeiros (2014, p.249) assevera que

No que diz respeito às fórmulas e práticas mágicas, os assim chamados elementos mágicos e pagãos contidos neles representam estruturas mentais e elementos folclóricos que migram de uma tradição religiosa para outra. Tais encantamentos evidentemente eram utilizados por pessoas que se consideravam cristãs – lembrando que muitas das fontes são de origem clerical – e que não sentiam qualquer compulsão em cristianizar tais fórmulas mais do que utilizá-las juntamente com uma breve (e muitas vezes superficial) tipo de benção (JOLLY, 1996, p. 140)³¹. Em tais práticas, muitas vezes uma oração cristã era cooptada de seu contexto original e usada desvinculada de seu significado primordial, como o Pai Nosso e a Ave Maria, por exemplo.

As fórmulas de encantamento eram compostas por estruturas bem definidas e que seguiam um padrão, para que a realização de seus rituais ocorresse corretamente. O texto de Felix Gredon, *The Anglo-Saxons Charms*, embora datado de 1909, traz um amplo detalhamento das fórmulas de encantamento. Na publicação do *The Journal of American Folk-Lore*, Gredon classifica-as, no entanto, como 'narrativas', pois para o autor “entre os primeiros encantamentos indo-europeus, a conjuração literal do espírito-doença era precedida por uma narrativa curta, à forma épica, das ações realizadas por algum deus ou herói”.³²

Tal assertiva, embora controversa, não será seguida por nós. Seguimos a posição adotada por Müller, que divide a estrutura formal das fórmulas de encantamento em duas partes, iniciando-se por pequenas *historiolae*, que descrevem a ação benéfica de um deus ou herói situada no passado, seguidas das *incantationes*, que representam o ritual a ser

³¹ JOLLY, Karen. *Popular Religion in Late Saxon England*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996, apud MEDEIROS, 2014, p.249.

³² “Among the earliest Indo-European charms, the actual conjuration of the disease-spirit was preceded by a short narrative, in epic manner, of deeds performed by some god or hero”





seguido no momento da evocação. Aceitamos essa definição pelo fato das fórmulas de encantamento não configurarem um gênero literário, antes são sentenças, funcionando em um sentido simbólico-religioso quase como uma receita, um roteiro a ser seguido pelos rogantes que almejam a realização de suas preces.³³

Contudo, não bastava apenas que o rogante recitasse a fórmula de encantamento, era necessário ainda que fosse evocado o mesmo sentimento que ocorrera no passado descrito pela fórmula de encantamento. Aquele que realizava o ritual, sendo o rogante, o curandeiro, o médico ou um sacerdote, era detentor da autoridade de se comunicar com os deuses, Deus ou santos, fazendo a ligação do mundo natural ao mundo sobrenatural. Àquele que realizava o ritual era outorgado um imenso poder de influência, em ambas as esferas.

Conclusão

Às palavras eram conferidos poderes, a vocalização revestia de força o ritual, da mesma maneira os objetos utilizados nos rituais eram imbuídos de força simbólica atribuída à interação com a força espiritual do divino. Medeiros (2014, p.2 51) afirma a respeito desta força que

Pelo direito que lhes era outorgado com sua ordenação, sacerdotes cristãos possuíam o poder das palavras da missa e de outras práticas da liturgia, como um tipo de mana; assim como praticantes de fórmulas populares, curandeiros, também detinham o mesmo tipo de poder, de mana, ao praticar sua arte ao evocarem formulas como “eu expurgo esse veneno...” ou “eu ordeno que...”. Exatamente o mesmo poder do exorcista ao se valer de palavras e ritos ao impor sua autoridade para controlar e expulsar demônios.

A linguagem, portanto, não é unicamente um processo que acontece externamente com a sociedade, mas é uma prática social e humana, que permite a ação sobre o mundo e sobre os outros, exercendo poder e dominação. Destarte, a linguagem é “um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.26).

³³ Aqui resumizamos o exposto anteriormente ao citarmos Stephan Müller (Nota 18).





Na sociedade medieval, o poder das palavras expandia-se para além de somente transmitir ideias ou da comunicação, possuía, ainda, o grande poder de unir o plano terreno ao plano divino. Essa mentalidade do poder das forças espirituais ligava os dois mundos através das práticas das fórmulas de encantamento e das orações, que, ao mesmo tempo que remetiam ao passado das divindades germânicas de uma esfera mais popular, alcançavam o mesmo status dos âmbitos mais eruditos do mundo eclesiástico.

A magia sempre esteve presente nas relações humanas, assim como a religiosidade e era através da linguagem e do uso das palavras que o rogante executava seu ritual, de modo a alcançar seu objetivo, sendo difícil traçar o limite entre ambas. Nesse sentido, o intuito do uso da magia era buscar uma forma de dominar as forças da natureza, que era um domínio dos deuses, para se alcançar soluções desejáveis para os problemas cotidianos. A diferença mais contundente que se pode traçar entre os dois termos residiria no fato de que, no âmbito religioso, o ser humano deve dobrar-se a vontade divina, enquanto no campo da magia existe a tentativa de obter dos deuses resultados concretos (GAARDER, 2005, p.28).

Essa “religação” religiosa foi primordial para a separação da magia e das práticas mágicas, relacionadas à religiosidade, da medicina, dissociando cada vez mais essas esferas de saber, pois os encantamentos de cura foram adaptados e substituídos por orações e preces, levando a medicina cada vez mais para o campo científico do conhecimento do tratamento das enfermidades.

Referências

BARROS, J. d’A.; *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BARROS, J. d’A.; **História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico**. In: *História Social*, número 13. Campinas, 2007. Disponível em www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/207/199, acesso em 20/09/2014.

BATISTELLA, C.; **Saúde e doença na Idade Média: entre o castigo e a redenção**. In: *Saúde, Doença e Cuidado: complexidade teórica e necessidade*. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/pdts/index.php?s_livro_id=6&area_id=2&capitulo_id=13





[&autor_id=&sub_capitulo_id=15&arquivo=ver_conteudo_2](#), acesso em: 19/05/2018.

BLOCKMANS, W. P.; *Introdução à Europa Medieval 300-1500*. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p.15-58.

| 21

BOGDAN, H.; **Introduction: Modern Western Magic** In: *Aries*. Leiden/Boston: Brill, 2012.

BRAGANÇA JÚNIOR, Á.; **A Voz e o Gesto - Fórmulas Mágicas Como Práticas de Religiosidade Germano-Cristãs na Idade Média**. In: *Ánais do VIII Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Cuiabá: EDUFMS, 2009. v. 1. p. 57-66.

CAMPOS, L.; LANGER, J. (Org.); **A religiosidade de celtas e germanos**. In: *Anais do IV Simpósio de Estudos Celtas e Germânicos*. São Luís: UFMA/Gráfica Santa Clara, 2010.

CARDOSO, C. F.; **O paganismo anglo-saxão: uma síntese crítica**. In: *Revista Brathair*. 2004. v. 4 n. 1. p. 19-35. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/issue/view/94>, acesso em: 11/10/2014.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.); **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

CIANCI, E.; **Incantesimi e benedizioni nella letteratura tedesca medievale (IX-XIII)**. Göppingen: Kümmerle Verlag, 2004.

COOKE, G. W.; **The Social Evolution of Religion**. Boston: Stratford Co., 1920.

DALY, K. N.; **Norse mythology A to Z**. 3ª edição. Nova Iorque: Chelsea House, 2009.

FERNANDES, A. T. *et al.* **Entre a fé e a ciência: a medicina na Idade Média**. In: *Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde*. São Paulo: Atheneu, 2000.

FRANCO JÚNIOR, H.; **A Idade média: nascimento do ocidente**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.





GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H.; *O livro das religiões*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GARDNER, G. B.; **British Charms, Amulets and Talismans**. In: *Folklore* 2. Vol.53. p. 95-103, Jun. 1942. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1257559>, acesso em: 10/06/2014.

GARRAFFONI, R. S.; **Romanos**. In: FUNARI, P. P. (org). *As Religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2009.

GENNEP, A. van; *Os ritos de passagem: estudos sistemáticos dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRAF, F.; **Theories of Magic in Antiquity**. In. MIRECKI, P.; MEYER, M. (Org.). *Magic and Ritual in the Ancient World*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2001. p. 94-104.

GREY, Felix. The Anglo-Saxon Charms. In: *The Journal of American Folk-Lore* 22. p. 110-122, Abr.-Jun.1909. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/534353>, acesso em: 10/06/2014.

HERMANN, J.; **A história das Religiões e Religiosidade**. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

HORDEN, P.; **What's Wrong with Early Medieval Medicine?** In: *Social History of Medicine*. Apr; 24(1): 5–25. Published online 2009 Nov 3. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3063953/>, acesso em: 05/01/2020.

KRATOCHVILOVA, B.; *Germanische Mythologie*. 2011. 38 f. Tese – Filozofická fakulta, Masarykova univerzita, Brno, 2011. Disponível em <https://www.google.com.br/url?sa=t&rc=1&q=&esrc=s&source=web&cd=18&cad=rja&uact=8&ved=0CF8QFjAHOAo&url=https%3A%2F%2Fis.muni.cz%2Fth%2F342017>





[%2Fff_b%2FBkalarska_prace.doc&ei=8jIWVP3gBJKjyATU-4LQAw&usg=AFQjCNENf7XMPu21CbdoJKpwFBQacz7W1Q&sig2=ggyMcneMdHr gMYAqtHB6XA&bvm=bv.75097201,d.aWw](#), acesso em: 28/09/2014.

LANGER, J.; CAMPOS, L. (org.); “**De imperador dos últimos dias a anticristo: o papel escatológico e a demonização política dos imperadores germânicos (1152-1250)**”. In: *A religiosidade dos celtas e germanos: anais do IV Simpósio Nacional e III Internacional de Estudos Celtas e Germânicos*. São Luís: UFMA/Gráfica Santa Clara, 2010, p.159.

LE GOFF, J.; **A civilização do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2005, p.21-32.

MARK, J. J. **Galatia**. *Ancient History Encyclopedia*. 2019. Disponível em: <https://www.ancient.eu/galatia/>, acesso em: 11/06/2020.

MARTINS, M. C. S.; **Hildegarda de Bingen: Physica e Causae et Curae**. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Número Especial, 2019, v.1, p.1.

MEDEIROS, E.O.S. de. **O poder das letras: cristianismo e magia no Pater Noster anglo-saxão**. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VI, n. 16, Maio 2013 (publicada em 2014). Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/index>, acesso em: 30/11/2019.

MELO, J. L. X. **Da contribuição do método comparado para a história**. In: *Revista Historiador*. Número 05. Ano 05. Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>, acesso em: 15/10/2014.

MOTA, A.; **Saberes romanos: a religiosidade germânica em César e Tácito** LANGER, J.; CAMPOS, L. (org.); In: *A religiosidade dos celtas e germanos: anais do IV Simpósio Nacional e III Internacional de Estudos Celtas e Germânicos*. São Luís: UFMA/Gráfica Santa Clara, 2010, p.101.

MÜLLER, S.; **Althochdeutsche Literatur: eine kommentierte Anthologie**. Stuttgart: Philipp Reclam jun., 2007.

MUNCH, P. A.; **Norse Mythology: Legends of Gods and Heroes**. Nova Iorque: The





American-Scandinavian Foundation, 1926.

NOMS BARBARES. *CENOB* Corpus des Énoncés Barbares. Disponível em: <http://www.cenob.org/Enonces/Noms?ID=2165>, acesso em: 03/06/2020

| 24

PERCIVALDI, E.; *A vida secreta da Idade Média: fatos e curiosidades do milênio mais obscuros da história.* Petrópolis: Vozes, 2018, p.191.

PINHEIRO, M. E.; *Desvendando Eva [manuscrito]: o feminino em Hildegarda de Bingen.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras - FALE, 2017, p.134.

PREECE W. E.; COLLISON, R. L. **Encyclopedia.** Encyclopædia Britannica, inc, 2016. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/encyclopaedia> , acesso em: 06/08/2020.

RIDER, C.; *Magia e religião na Inglaterra Medieval.* São Paulo: Madras, 2014.

RINALDI, A.; **A superstição e a magia na religião cristã da idade média.** *Revista Labirinto*, Porto Velho-RO, Ano XIV, Vol. 20, 2014.

ROLLAND, Y. 1 Vídeo (1 hora 32 min) **Medicina romana: suas crenças e práticas.** Publicado pelo canal Taphos, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wWguKtlhcZE> , acesso 30/07/2020.

RUFF, M.; *Zauberpraktiken als Lebenshilfe. Magie im Alltag vom Mittelalter bis heute.* Frankfurt: Campus Verlag, 2003.

SARTON, G.; *Introduction to the History of Science.* v. I. Baltimore: The Williams & Wilkins Company, 1927, p. 391.

SEBASTIAN, A.; *A Dictionary of the History of Medicine.* London: Partenon, 2011.

SOUSA, R.; **Povos germânicos;** *Mundo Educação.* Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/povos-germanicos.htm>, acesso em:





2/07/2020

SUDHOFF, K. von.; *Kurzes Handbuch der Geschichte der Medizin*. 3^a e 4^a ed. Berlin: S. Karger Verlag, 1922.

| 25

WIPF, K. A.; *Althochdeutsche poetische Texte. Althochdeutsch/Neuhochdeutsch*. Ausgewählt & übersetzt und kommentiert von Karl A. Wipf. Stuttgart: Philipp Reclam jun., 1992.

WIPF, K. A.; **Die Zaubersprüche im Althochdeutschen** In: *Numen*, v.22, Fasc.1. BRILL: 1975, p.49. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3269533>, acesso em: 29/11/2008.

Anexo:

Imagem 1: Hildegard von Bingen recebe uma inspiração divina e passa a mesma ao seu copista, o monge Vollmar. Frontispício do livro *Scivias* do Codex de Rupertsberg (cerca de 1180).



Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Hildegard_von_Bingen

